

Língua Brasileira de Sinais



A



B



C



Ç



D



E



H

ASPECTOS GRAMATICAIS

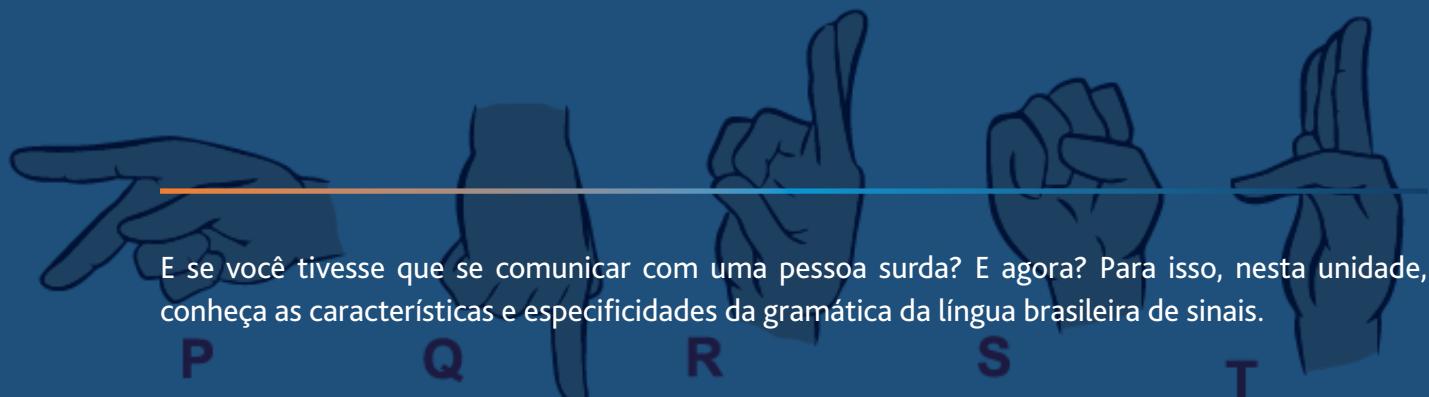


K



L

M



E se você tivesse que se comunicar com uma pessoa surda? E agora? Para isso, nesta unidade, conheça as características e especificidades da gramática da língua brasileira de sinais.

P

Q

R

S

T

U



X



Y



Z

Após conhecer o contexto da educação, os mitos e as verdades sobre a Libras e a cultura surda, você verá nesta unidade, de uma maneira bastante prática, pontos importantes sobre os aspectos gramaticais da língua brasileira de sinais. A partir de agora, você se aproximará de todos esses conceitos, iniciando a inserção em seu cotidiano.

Nesse sentido, você terá como objetivo de aprendizagem conhecer a estrutura gramatical da Libras, compreender os seus cinco parâmetros e identificar palavras e expressões simples da Libras.



BIOGRAFIA

Para iniciar seus estudos e conhecer a biografia desta unidade, acesse este [link](#) ou escaneie o QR Code ao lado para assistir ao vídeo.

Além disso, aproveite para deixar suas “Primeiras percepções” da situação do vídeo na atividade diretamente no AVA.



Conhecendo a escrita de sinais: *SignWriting*

Para iniciar os estudos desta unidade, surge uma nova palavra: *SignWriting* (SW), ou “escrita de sinais”. Mas, deixando de lado a sua tradução, você conhece esse termo? E a sua definição? Damazio e Alves (2010) trazem os primeiros esclarecimentos:



***SignWriting* é um sistema de escrita produzido para registrar as línguas de sinais. Tem como objetivo expressar [...] os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação, parâmetros específicos das línguas de sinais”.**

(DAMAZIO; ALVES, 2010, p. 71)

Antes de seu surgimento, as línguas de sinais eram consideradas línguas ágrafas, ou seja, sem a possibilidade de ter registros escritos. Assim que esse sistema de escrita foi criado, os surdos puderam realizar seus registros em sua própria língua, tendo a possibilidade de uma leitura futura, por outros surdos e ouvintes usuários da língua.

Os detalhes da criação da **SW** você vai conferir agora, no infográfico a seguir.

SURGIMENTO DA **SIGNWRITING**

Em 1972, a norte-americana Valerie Sutton criou um excelente sistema de escrita de dança. A partir desse fato, desencadearam-se muitas ações que impactam a língua até os dias atuais. Conheça-os a seguir.

DANCEWRITING

Valerie Sutton foi até a Dinamarca ensinar o **DanceWriting** em uma escola de balé. Por conta disso, o sistema ganhou sua primeira visibilidade: um jornal dinamarquês publicou um artigo sobre o assunto.



Fonte: MovementWriting Site (2022c)

Na sequência, um grupo de pesquisadores da **Língua de Sinais Dinamarquesa**, da Universidade de Copenhagen, ficou curioso em conhecer o sistema de Sutton, pois estavam à procura de uma forma de escrever essa língua.

PROCESSO DE CRIAÇÃO DO **SIGNWRITING**

Após essa procura (do grupo de pesquisa dinamarquês) e de consultas de vídeos de pessoas surdas sinalizando, Sutton adaptou o **DanceWriting** para o sistema de escrita de sinais. A partir daí, o período foi marcado por algumas mudanças. Confira a seguir.

1974

- **Criação do SignWriting**

1974

- **Criação do sistema de escrita SignWriting detalhado**

Sutton tinha facilidade em escrever movimentos e ela conseguiu criar um sistema de escrita de uma língua visuoespacial, apesar de não saber nada de língua de sinais, nem perguntava aos pesquisadores o que significavam aqueles sinais. Sua tentativa, nesse detalhamento, foi apenas escrever como eram executados quadro a quadro (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 72).

1974

- **Maiores modificações no sistema SignWriting**

A primeira modificação foi relacionada ao **ponto de vista do leitor e do escritor**, pois, até o momento, o texto era lido como se estivéssemos olhando a mão de uma pessoa que sinalizava. A partir da metade da década de 80, acontece a mudança para a perspectiva de quem sinaliza, como se a pessoa estivesse olhando para suas próprias mãos. A segunda mudança foi relacionada à **organização dos símbolos gráficos** utilizados para representar um sinal no SW. Passou de uma organização em linha horizontal para a organização "empilhada", ou seja, na vertical. Já as últimas mudanças são referentes à **leitura do texto**, que passa a ser por colunas, da esquerda para a direita.

O **SignWriting**, atualmente, é considerado o sistema de escrita mais **utilizado no mundo** e que pode representar todas as línguas de sinais.

Glossário

SW: Sigla de *SignWriting*.



REFLITA

Criar um sistema de escrita de uma língua visuoespacial não deve ser nada fácil. Valerie Sutton foi autora de outros sistemas de escrita além do *DanceWriting* e o *SignWriting*. Ela também é desenvolvedora do *MimeWriting* (escrita de mímica), *SportsWriting* e o *ScienceWriting*.

Valerie Sutton tem, em absoluto, uma incrível facilidade para transformar movimentos em sistema de escrita.

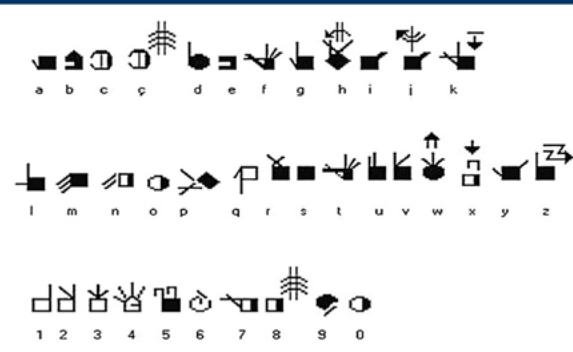
Depois de conhecer o surgimento da SW, que tal aprender sobre sua estrutura? É o que você verá no próximo tópico.

ESTRUTURA DO *SIGNWRITING*

Como você pôde conferir até aqui, o SW é “uma escrita visual direta e uma solução completa para escrever as línguas de sinais. Cada **grafema** desta escrita representa diretamente um fonema das línguas de sinais e nos mostra como ele é realizado” (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 76).

Em sua maioria, os grafemas do SW são icônicos, o que facilita a compreensão por parte daqueles que fazem a leitura de textos escritos por meio deste sistema de escrita. Confira a seguir o alfabeto manual em SW.

Alfabeto manual e números escritos por meio de *SignWriting*



Observação: as linhas que ficam junto com os grafemas representam os dedos das mãos.

Glossário

Grafema: Unidade de um sistema de escrita que, na escrita alfabética, corresponde às letras (e também a outros sinais distintivos, como o hífen, o til, sinais de pontuação, os números, etc.), e, na escrita ideográfica, aos ideogramas.

Da mesma forma que os grafemas são específicos, a escrita dos sinais também deve seguir uma orientação: **ser feita como se você estivesse olhando a sua mão, ou seja, a leitura e a escrita tomam como base a sua própria mão**. Além disso, as configurações da mão também têm a sua importância. Por isso, conheça, no AVA, essas especificidades.

Acesse o conteúdo no **AVA**



REFLITA

Após conhecer os detalhes da configuração, você consegue perceber o quanto detalhista foi a definição de grafias do SW? Valerie Sutton, a criadora desse sistema, pensou em todos os detalhes para diferenciar as configurações de mão das línguas de sinais. A palma da mão de cada pessoa é mais clara que o dorso da mão; por essa razão, a autora diferenciou a posição da palma da mão com a imagem sem pintar e o dorso da mão com a imagem pintada. As representações gráficas das configurações de mão são semelhantes à configuração feita com a mão. Muito interessante, não é?



ATIVIDADES

Acesse o conteúdo no **AVA**

Preparado para a sua primeira atividade? Fique atento, acesse o AVA e coloque o cérebro para funcionar.

Agora que você está craque na estrutura da SW, continue seus estudos e conheça os parâmetros.

Parâmetros

As línguas de sinais começaram a ser estudadas na década de 1960, nos trabalhos de Willian Stokoe. Na época, esse estudioso propôs três parâmetros responsáveis pela organização da formação da estrutura interna do sinal (que é um item lexical nas línguas de sinais). Em 1976, Kimura e Battison propuseram mais dois parâmetros, que logo foram aceitos.



Figura 1: Conversa entre duas mulheres através da língua de sinais.

Assim, atualmente, contamos com cinco parâmetros das línguas de sinais, que são itens de composição fonético-fonológico, e a presença deles formam o sinal. Confira a seguir cada um deles.

Parâmetro 1 Configuração de mão

Parâmetro 2 Locação ou Ponto de articulação

Parâmetro 3 Movimento

Parâmetro 4 Orientação de mão

Parâmetro 5 Aspectos não manuais

Gesser (2009) reforça que os sinais podem ter um significado diferenciado a depender dos parâmetros utilizados:



Esse contraste de dois itens lexicais com base em um único componente recebe, em linguística, o nome de 'par mínimo'. Nas línguas orais, por exemplo, pata e rata se diferenciam significativamente pela alteração de um único fonema: a substituição do /p/ por /r/".

(GESSER, 2009, p. 15)

Agora que você já conhece todos os parâmetros, aprofunde seu conhecimento de cada um deles por meio do conteúdo diretamente no AVA.

Acesse o conteúdo no **AVA**



REFLITA

Após esse aprofundamento, uma coisa é certa: os aspectos não manuais são fundamentais para a Libras, pois eles são os responsáveis pela marcação de formas sintáticas e, consequentemente, pela compreensão da gramática em Libras.



DE OLHO NO PROFESSOR

Chegou um dos momentos mais esperados! Acesse este [link](#) ou escaneie o QR code ao lado, fique de olho no professor e confira a utilização dos cinco parâmetros da língua de sinais.



Iconicidade e arbitrariedade

Existe uma falsa crença de que a língua de sinais seja exclusivamente icônica. Você já ouviu falar? Então, para desmistificar essa crença, que tal conhecer os conceitos de iconicidade e arbitrariedade diretamente no AVA?

Acesse o conteúdo no **AVA**

A tendência em se pensar que a Libras seja uma língua exclusivamente icônica vem do fato de a língua de sinais ser uma língua de modalidade visuoespacial, ou seja, a língua passa a ser mais “palpável”, “visível”. Gesser (2009), sobre esse tema, afirma que:



essa associação incorre, muitas vezes, em cairmos no risco de reforçar a crença de que língua de sinais seria apenas uma representação pantomímica — o que não procede, pois, como argumenta Ferreira Brito (1995: 108), 'a iconicidade é utilizada [na língua de sinais] de forma convencional e sistemática' ".

(GESSER, 2009, p. 23)

Para além dos substantivos, a iconicidade ocorre também em verbos, porém se manifesta de forma diferente. Há alguns verbos que variam de acordo com o sujeito que sofre a ação. Por exemplo, no verbo “cair”, se o sujeito for uma pessoa, a representação da ação será com **os dedos indicador e médio em pé**, representando as pernas de uma pessoa, sobre a palma da outra mão, que estará representando o chão. O verbo, então, será esses dedos representando o caminhar, e a queda será esses dedos inclinados para um lado. Já se o sujeito for um objeto, como uma folha de papel, a representação do verbo “cair” será a palma da mão virada para o chão na altura da cabeça do sinalizante, e essa mão fará o movimento para direita e esquerda enquanto a mão vai abaixando, representando a folha caindo.

Assim, o verbo “cair” é icônico, mas pode ser representado de diferentes formas, “pois sua constituição é influenciada pelo modo como o sujeito ao qual ele se refere se comporta” (TEIXEIRA, 2014, p. 94).



Figura 2: Pessoa sofrendo uma queda ao chão

Sendo as línguas de sinais uma língua visuoespacial, você consegue imaginá-la **sem os sinais icônicos?** Seria impossível, não é mesmo? O que é importante ter em mente é que a iconicidade nada tem a ver com **mímicas**, ou seja, as línguas de sinais não são exclusivamente icônicas.



Outro ponto de extrema importância é que os surdos não aprovam **brincadeiras** feitas por ouvintes que fazem qualquer tipo de "gestos" para fazer de conta que estão sinalizando.

A comunidade surda se sente bastante ofendida com isso, principalmente pela **falta de respeito** com seus membros e sua língua, que, com tais brincadeiras, acaba sendo desvalorizada e apontada como inferior.



Gesser (2009) reforça que a iconicidade não é exclusiva das línguas de sinais, pois ela também existe nas línguas orais.



Podemos verificá-la no clássico exemplo das onomatopeias como pingue-pongue, zigue-zague, tique-taque, zum-zum — cujas formas representam, de acordo com cada língua, o significado. Além disso, mesmo sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um 'acordo coletivo tácito' entre os falantes de uma determinada comunidade (Saussure, 1995).

(GESSER, 2009, p. 24)

Após todo esse estudo sobre os aspectos gramaticais da Libras, é importante destacarmos que as línguas de sinais de outros países — como a *american sign language* (ASL), a *langue des signes française* (LSF), entre outras — têm a influência dos estudos franceses sobre as línguas gestuais. Assim, todas as línguas decorrentes da LSF têm a mesma estrutura gramatical, apesar de cada língua se transformar com o tempo, de acordo com a cultura de seu país.



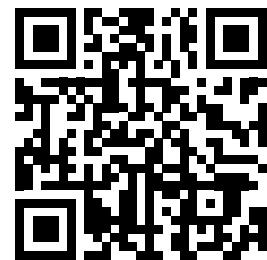
Figura 3. Bandeira da França



VIDECAST

Acesse o conteúdo no **AVA**

O conteúdo desta unidade está muito interessante, não é mesmo? Então, confira, em um *videocast*, um bate papo descontraído, e majoritariamente em Libras, entre a professora Camila Fernandes e a convidada Cristiane Esteves de Andrade. Para isso, acesse este [link](#) ou escaneie o QR Code ao lado.



ATIVIDADES

Acesse o conteúdo no **AVA**

Ufa! Você chegou a mais uma atividade. Aproveite a oportunidade para fixar bem o conteúdo visto até aqui. Vamos direto ao AVA?



FOCO NA PRÁTICA

Acesse o conteúdo no **AVA**

Depois de conhecer os aspectos gramaticais, você se sente mais preparado para se comunicar em Libras? Ainda não? Então, aproveite o vídeo a seguir e foque a prática. Ao final, tenho certeza de que você já conseguirá, minimamente, manter um diálogo com uma pessoa surda. Acesse este [link](#) ou escaneie o QR Code ao lado, aperte o *play* e pratique ainda mais com os convidados.





CONCLUSÃO

Acesse o conteúdo no **AVA**

Retomando a biografia do início da unidade, aproveite para fazer um comparativo no AVA sobre o que você imaginava no início e o que pensa agora, com seus estudos.



MATERIAIS COMPLEMENTARES

A unidade está quase chegando ao final, mas você ainda pode continuar seus estudos com os materiais complementares a seguir.

SignWriting no Brasil

Neste site, você terá todas as informações sobre a escrita de sinais *SignWriting*. Você encontrará explicações, testes, terá acesso a vídeos, a livros e conhecerá a história da criadora do *SignWriting* e muito mais.

[Acesse aqui >](#)

Resenha crítica do livro *Libras, que língua é essa? Crenças e preconceitos*

Esta é a resenha do livro utilizado como base para o conhecimento da gramática da Libras.

[Acesse aqui >](#)

Libras

Este livro contribui com a história da Libras e auxilia você a compreender o quanto importante é para a comunidade surda o reconhecimento dessa língua.

[Acesse aqui >](#)

Mais uma unidade concluída com sucesso! Você já consegue enxergar a importância e as particularidades da Libras? Nesta reta final, você terá ainda mais certeza disso, mas lembre-se que seus estudos não param por aqui. Continue praticando e se aprofundando, para um maior domínio desse tema. E, falando em prática, não esqueça de acessar o AVA e realizar as questões de estudos.

Acesse o conteúdo no **AVA**

Até a próxima!



REFERÊNCIAS

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios.** 2. ed. rev. atual. e ampl. Salvador: Libras Escrita, 2015. v. 1.

CAMPOS, L. O que é *SignWriting?* **Liliam Campos Martins**, [on-line], 20 nov. 2010. Disponível em: <http://liliacamposmartins.blogspot.com.br/2010/11/o-que-e-sign-writing.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. O desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabetica na educação bilíngue do surdo congênito. In: RODRIGUES C.; TOMITCH, L. B. **Linguagem e cérebro humano:** contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 19-51.

DAMÁZIO, M. F. M.; ALVES, C. B. **Atendimento educacional especializado do aluno com surdez.** São Paulo: Moderna, 2010.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **libras em contexto:** curso básico - livro do professor. 6. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

GESSER, A. **Libras?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

MovementWriting Site. **Movementwriting.org**, [on-line], [2022]. Disponível em: <https://www.movementwriting.org/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PLINSKI, R. R. K.; MORAIS, C. E. L.; ALENCASTRO, M. I. **Libras.** Porto Alegre: SAGAH, 2018.

QUADROS, R. M.; KARNOOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais:** instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1995.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Curriculum da cidade:** educação especial: língua brasileira de sinais. São Paulo: SME/COPED, 2019.

SOUZA, I. L.; GEDIEL, A. L. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, n. 1, p. 163-185, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/ddTd8SYVkDsXDymBspNDv9S/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2022.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting***: língua de sinais no papel e no computador. 2005. 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TEIXEIRA, V. G. A iconicidade e arbitrariedade na Libras. **Revista Philologus**, ano 20, n. 58, p. 91-98, supl.: anais do VI SINEFIL, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/58supl/008.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Banco de imagens: Pexels, Pixabay e Shutterstock.

SAGAH, 2022.

